



José Régio

OBRA COMPLETA

TEATRO

I

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

OS AUTORES  
PORTUGUESES

*Título:* Teatro  
Vol. I

*Autor:* José Régio

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* Branca Vilallonga  
(Departamento Editorial da INCM)

*Capa:* reprodução de desenhos de José Régio

*Revisão do texto:* Levi Condinho

*Tiragem:* 1000 exemplares

*Data de impressão:* Novembro de 2005

*ISBN:* 972-27-1355-8

*Depósito legal:* 225 680/05

José Régio

# TEATRO

## I

Prefácio de ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA

Aparato crítico dos textos inéditos  
de PAULA ESTRÊLA LOPES MENDES

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2005

## SOU UM HOMEM MORAL

### SOU UM HOMEM MORAL

[Inédito]

1941

1941

Muito há de moral no mundo e no homem — mas de que moral? Qual a moral que nos cabe? É a moral da vida?

1. A moral da vida é a moral da ação.
2. A moral da vida é a moral da responsabilidade.
3. A moral da vida é a moral da honestidade.
4. A moral da vida é a moral da justiça.
5. A moral da vida é a moral da coragem.
6. A moral da vida é a moral da humildade.
7. A moral da vida é a moral da paciência.
8. A moral da vida é a moral da perseverança.
9. A moral da vida é a moral da generosidade.
10. A moral da vida é a moral da bondade.

*SOU UM HOMEM MORAL*

Primeiro rascunho. Começado em 24 de Junho de 1940.

## SOU UM HOMEM MORAL

*Sala luxuosa e moderna*<sup>1</sup> no palacete da Baronesa de X. (Indicar portas.) Noite<sup>2</sup> de festa. Os homens de casaca, as mulheres com vestido<sup>3</sup> de baile. De vez em vez, — quando for indicado<sup>4</sup> — chegam do salão<sup>5</sup>, abafadas pela distância, as notas<sup>6</sup> dos tangos, rumbas, valsas, etc.<sup>7</sup>, tocados por um jazz. É em Lisboa, na actualidade<sup>8</sup>: a França acabou de declarar guerra à Alemanha. Ao subir o pano, a sala está deserta; mas logo entram pela E.<sup>9</sup>, discutindo<sup>10</sup> excitadamente Maria Helena e Afonso.

### CENA I

MARIA HELENA e AFONSO

MARIA HELENA (continua a conversa em que vem) — Mas como não queres tu que me aborreça contigo? ou de ti? É sempre a

---

<sup>1</sup> <Uma sala>[- Sala luxuosa e moderna]

<sup>2</sup> Baronesa de <...>/X.\ [↓(Indicar portas.)] <em> <n>/N\oite

<sup>3</sup> <em toilette>[- com vestido] Não foi riscada a preposição substituída em.

<sup>4</sup> indicado<,> —

<sup>5</sup> salão <de baile, um>,

<sup>6</sup> <as notas> as notas

<sup>7</sup> valsas,[- etc.]

<sup>8</sup> n(o)/a\ <princí> actualidade

<sup>9</sup> <\*D.> E.

<sup>10</sup> falando[- discutindo] Neste local Régio deixou duas lições em alternativa, sem marcar explicitamente a preferência por nenhuma delas.

mesma questão: não sou senhora de dançar com outro! de conversar com outro! de olhar para outro! de achar a outro qualquer interesse<sup>11</sup>. Logo buscas pretexto para me criticar... me repreender... me estragar a noite. É uma grande maçada, sabes? (*Deixa-se cair num maple, quase de costas para ele.*)

AFONSO — O meu mal é amar-te de mais, Maria Helena; |  
2 amar-te de mais e ser um homem demasiado sério; ora tu és uma rapariga de hoje...

MARIA HELENA — Pois sou! Conheço a ladainha: sou uma rapariga nova; uma rapariga alegre; uma rapariga educada à americana; e uma rapariga bonita... todos<sup>12</sup> o dizem; leio-o nos olhos de todos! (*Provocadamente.*) E daí?... mas por que gostas tu de mim, também tu, se tudo isto, para ti, são defeitos?

AFONSO — Não me faças perder a cabeça!<sup>13</sup> Tu é que transformas em defeitos essas vantagens.

MARIA HELENA — Claro! ainda não ofereci o seu exclusivo monopólio<sup>14</sup> ao indigitado<sup>15</sup> meu dono.

AFONSO — Entende-me por uma vez, Maria Helena: o que não<sup>16</sup> posso compreender, nem suportar, é que te comprazes em tomar todas as aparências duma rapariga leviana...

MARIA HELENA — E se eu fosse uma rapariga leviana? se gostasse de me divertir com qualquer homem... de agradar a todos...?

AFONSO — Estás a brincar com o fogo.<sup>17</sup> |

---

<sup>11</sup> simpatia[- interesse] *Lições em alternativa.*

<sup>12</sup> <†> todos

<sup>13</sup> perder a cabeça(, Maria Helena)!

<sup>14</sup> o [- seu] exclusiv(íssimo)/o\ *Intercalação com v.*

<sup>15</sup> senhor[- indigitado] *Lições em alternativa.*

<sup>16</sup> o que (eu) não

<sup>17</sup> [↓(Sabes que estás a brincar com o fogo?)] *Variante em alternativa a toda a fala, que, apesar de escrita em último lugar, não foi a adoptada, porque interpretamos os parênteses como um sinal de desvalorização desta forma.*

MARIA HELENA — Ponho a questão a sério. Não te pertenco. <sup>3</sup>  
Nem sequer sou ainda tua noiva. Que farias se viesses a reconhecer que sou <sup>18</sup> uma rapariga leviana?

AFONSO — Matava-te. Não poderia deixar-te viver sendo tu de outro; ou de outros.

MARIA HELENA — Bravo! Registo essa confissão de instintos de assassino, e perverso, num homem tão moral... tão moralista! Mas suponho que estás a fazer teatro, embora de boa-fé. Apesar da minha leviandade, sou mais observadora do que parece: já tinha notado essa inclinação para o teatral nos homens com tendências <sup>19</sup> moralizantes... Não consegues <sup>20</sup> assustar-me, querido! Na realidade, chegada a ocasião, <sup>21</sup> os moiros de Veneza têm hoje melhores maneiras...

AFONSO — Repito-te que é perigoso brincar com o fogo.

MARIA HELENA — Ainda me não <sup>22</sup> tinhas dito que é perigoso. Mas onde te queima <sup>23</sup>..., filho?

AFONSO (*com indignação e surpresa dolorosa*) — Oh, Maria Helena!

MARIA HELENA — Que é...? |

AFONSO (*com severidade*) — Tens pensamentos, modos <sup>24</sup>, que <sup>4</sup> nem sequer <sup>25</sup> são próprios duma rapariga educada <sup>26</sup>. Proíbo-te <sup>27</sup> que me chames filho.

---

<sup>18</sup> <eu fosse realmente>[- viesses a reconhecer que sou] uma rapariga leviana? <se viesses a reconhecê-lo?>

<sup>19</sup> <inclin> tendências

<sup>20</sup> <†> consegues

<sup>21</sup> [↓chegada a ocasião,] *Intercalação com seta; escrito sob a fala.*

<sup>22</sup> <A verdade é que> <a>/A\inda [- me] não *Intercalação com v.*

<sup>23</sup> <arde>[- queima]

<sup>24</sup> <e> modos

<sup>25</sup> <não>[- nem sequer]

<sup>26</sup> <séria e> educada

<sup>27</sup> <†> Proíbo-te



MARIA HELENA (*sarcasticamente*) — Ah, sim?!... (*Com*<sup>28</sup> *ódio, seca.*) Pateta!<sup>29</sup>

AFONSO — Maria Helena!

MARIA HELENA — Que é? Chamei-te pateta, ora<sup>30</sup> aí está.

AFONSO — Suponho que estás hoje um pouco embriagada.

MARIA HELENA — Talvez. Bebi pela taça do meu primo<sup>31</sup> Henrique, no pavilhão do jardim...

AFONSO (*com um movimento como para se lançar a ela*<sup>32</sup>) — Maria Helena!...

MARIA HELENA (*levanta-se de golpe, deita-lhe as mãos aos ombros, sacode-o com raiva*) — Pateta? Parvo!<sup>33</sup> parvo e ridículo, com os teus ciúmes e as tuas moralidades; e perverso, entendes?, com essa mania de gostares de mim que não compreendo...

(*Volta rapidamente a cabeça, sentindo passos; torna a voltar-se para Afonso*<sup>34</sup>, *compõe uma atitude antes amorosa, poisa os pulsos nos ombros dele*<sup>35</sup>. *Entram pela D. a Baronesa, Lena*<sup>36</sup>, | *Dr. Guerra, Cláudio e Henrique.*)

---

<sup>28</sup> <\*quase> <c>/C\om

<sup>29</sup> (Parvo!) Pateta!

<sup>30</sup> (parvo, \*sem)[- pateta, ora]

<sup>31</sup> pri[↓mo]

<sup>32</sup> (lançando-se)[- com um movimento como] para [↓se lançar a] ela

<sup>33</sup> Parvo, sim; [- <Mais do que pateta>] [↓Pateta? Parvo!] *Ficam duas lições não canceladas em alternativa.*

<sup>34</sup> (sentindo passos,) <v>/V\olta rapidamente a cabeça, [- sentindo passos; torna a voltar-se para Afonso,]

<sup>35</sup> <de Afonso>[- dele]

<sup>36</sup> <Berenice Maria Berenice[sic], Henrique>[↓Lena]

<sup>37</sup> <Maria Berenice>[- Lena]

## CENA II

MARIA HELENA, AFONSO, BARONESA, LENA <sup>37</sup>, DR. GUERRA, CLÁUDIO  
e HENRIQUE

BARONESA — Lá... Lá...! viemos interromper os namorados! Queiram desculpar. E podem continuar, faremos <sup>38</sup> vista grossa. Viemos procurar aqui um pouco de intimidade. Beber uma taça de champanhe, entre amigos, aos meus quarenta anos...

CLÁUDIO — O quê? a senhora Baronesa faz anos...?

BARONESA — Faça. Tenha paciência, Cláudio: vá <sup>39</sup> ver se caça um *valet* com iguarias. E não diga a ninguém que vamos festejar aqui, só nós, os meus trinta e tantos <sup>40</sup>. Escondi de toda a gente o secreto motivo deste baile: a minha despedida do mundanismo; a minha entrada na vida séria <sup>41</sup>.

CLÁUDIO — Volto num pulo <sup>42</sup> para protestar.

(*Cláudio sai. Maria Helena sentou-se. Afonso mantém-se junto dela. A Baronesa e Lena <sup>43</sup> sentam-se também. Os homens <sup>44</sup> dispõem-se como for mais conveniente e ficar mais decorativo.*)

---

<sup>38</sup> <não interro> faremos

<sup>39</sup> [- Tenha paciência, Cláudio:] Vá      *Intercalação com ^.*

<sup>40</sup> <cinco>[- tantos]

<sup>41</sup> [- a minha despedida do mundanismo;] a minha entrada na vida séria. *Ainda que não exista um sinal de intercalação para o texto acrescentado na margem superior, o ponto e vírgula indica continuidade e que não se trata de duas lições em alternativa.*

<sup>42</sup> <ápi> pulo

<sup>43</sup> <Maria Berenice>[- Lena]

<sup>44</sup> <outros>[- homens]